

MIA COUTO

Poemas escolhidos

Seleção do autor

Apresentação

José Castello

6ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Apresentação — A palavra e a semente — José Castello 11

IDADES CIDADES DIVINDADES

Idades

Idades	26
Biografia	27
A primeira vez da idade	28
A luz da dor	29
Rosa	30
O espelho	31
A lentidão da sede	32
A adiada enchente	33
Ignorância	34
O tempo e seus suspiros	35
Desleitos	36
Lições	37
Biofagia	39
Tardio	40

Cidades

Errar	42
O outro idioma	43

O pecado do rio	44
Doença	46
Desilusão	47
Estrada de terra, na minha terra	49
Versos do prisioneiro (1)	50
Versos do prisioneiro (2)	51
Versos do prisioneiro (3)	52
Versos do prisioneiro (4)	53
Versos do prisioneiro (5)	54
Versos do prisioneiro (8)	55
Versos do prisioneiro — A sentença	57
Versos do prisioneiro — Última carta do preso ao poeta	58

Divindades

O amor, meu amor	62
Sementes	64
Lembrança alada	65
Mulher	66
Percurso	67
Da terra	68
Depoimento	69
Elementos	70
Avesso bíblico	72
Cego	73
A espera	74
A demora	75
O beijo e a lágrima	77
O poeta	79
A condenação	81

Identidade	86
Trajetos	87
Palavra que desnudo	88
Primeira palavra	89
Desencontro (1)	90
Desencontro (2)	91
Retorno	92
Confiança	93
Saudade	95
Pergunta-me	97
Ser, parecer	99
Para ti	100
Solidão	102
Noturnamente	104
Ânsia	105
Poema de despedida	106
Ave	108
Poema mestiço	109
Árvore	110
(Escre)ver-me	111
Protesto contra a lentidão das fontes	112
Sotaque da terra	114
Promessa de uma noite	115
Onze anos, última morte	116
Fui sabendo de mim	118
Companheiros	119
Pequeninura do morto e do vivo	121
Carta	122

Cores de parto	124
Saudade	126
Ignorâncias paternas	127
Clandestino	129
Verniz	131
Testamento da mulher suspensa	133
O degrau da lágrima	136
Tradutor de chuvas	138
As ruas	139
O bairro da minha infância	140
Parto e pranto	142
Seios e anseios	144
Frutos	145
Tristeza	147
Pecado muito pouco original	148
A coisa	149
Flores	151
O hóspede	152
Poema didático	153
Vaticínio da mulher na despedida	154
A casa	156
Danos e enganos	158
Sazonais eternidades	159
Dormes	160
Janelas	161
Fala da mulher que se pensa gorda	162
Sementeira	164
A pegada	165

Medos	166
O brinde	167
O bojo e o beijo	169
Números	170
Falta de reza	171
Declaração de bens	172
O bebedor de sóis	173
A cantadeira	174
Lembrança	175
Beijo	176
Hora de visita	177
Mudança de idade	179
Casa (rio)	182
O espreguiçoso	184
Aprendiz de ausências	186

Apresentação

A palavra e a semente

José Castello

A poesia de Mia Couto é gerida pela perplexidade. Ela realiza um recuo radical em direção ao passado, perseguindo aqueles momentos originais em que o ser humano se formou. Ao espanto corresponde uma imagem primordial: a da semente. “Agora,/ quero apenas/ o que havia antes de haver vida./ A semente”, o poeta anuncia. Ele não se interessa pelo fruto — que está pronto, acabado, e pode, assim, ser devorado. Ao contrário: sua poesia se ergue contra o consumo voraz do presente. Mia prefere se instalar naquele momento anterior ao fruto, no qual tudo o que temos é um conjunto indefinido, mas potente, de possibilidades. Seus versos acompanham a germinação de nossa história e de nossa identidade. Promovem, também, um desmascaramento do Eu, com seus enganos, suas empáfias e sua vaidade.

O tempo é, por isso, um de seus temas centrais. Talvez, até, o tema central. Atada à passagem do tempo, a poesia de Mia Couto se apresenta, antes de tudo, como um testemunho. Trata-se, porém, de um tempo interior, e não cronológico. Um tempo que, em vez de sincronizar e ordenar, desarruma e desarranja. Perseguidor das origens, o poeta lida com a febre que precede ao conhecimento. Que esboça as ilusões do Eu. Antes de a mente saber, o corpo já

“sabe”. O corpo somatiza aquilo que, só mais tarde, o pensamento consegue capturar. E, ainda assim, só em parte. Só uma parte da existência cabe no poema. A maior parte esbarra no muro das palavras e permanece do lado de fora.

Os poemas de Mia Couto são, antes de tudo, reflexivos e filosóficos. Remetem, porém, não a uma filosofia de escola — com seus conceitos e métodos —, mas, bem mais, à ruminação luminosa que precede a idade verbal. Abordam o ser e a incompreensível dor de existir. Inspecionam as dificuldades de viver. Trata-se de uma poesia que, sem se pretender didática, entra em sincronia com as perguntas que nos fazemos desde o nascimento. A pergunta central, como nos velhos compêndios, mas também nas mentes mais jovens, é: quem sou eu?

Para se aproximar de uma resposta, Mia Couto se coloca em defesa de alguns valores que, no mundo de hoje, retidos nas ilusões do contemporâneo, costumamos desprezar. Defende, por exemplo, a lentidão — quando todos, inclusive o próprio poeta, estamos sempre a correr. Coloca-se a serviço não da descoberta esplendorosa, mas da pura e simples espera. “Simples espera/ daquilo que não se conhece/ e, quando se conhece,/ não se sabe o nome”. Espera que é mais uma emboscada, na qual nos enredamos em nossa própria ignorância. Espera que não chega a ser esperança, é mais uma reverência ao desconhecido.

Sua poesia valoriza, também, a ignorância — o poeta é aquele que procura o que desconhece e, quando enfim encontra, continua a desconhecer. É, portanto, uma poesia que coloca em cena a angústia, isto é, a vigília insone e desconfortável que nos acompanha da infância à velhice.

Mia Couto não escreve para consertar o mundo: prefere o inadequado, o inapropriado, o dissonante. É um poeta apegado ao chão e suas fissuras. “Não, não aprenderei”, ele afirma, ciente de que seus versos não são um instrumento de conhecimento, mas de assombro.

Algo empurra com força o poeta em direção à dureza do chão, onde ele se defronta com a brutalidade do ser. Não se contenta com isso: mesmo desnorteado, ele quer “comer a Vida/ deitando-a entontecida/ sobre o linho do idioma”. Nada lhe escapa, nada repudia ou renega. Devora a vida até o fim — a vida como amante e a língua como leito. Não se importa com a coerência ou com os bons resultados, dois ideais inúteis de nosso mundo contemporâneo. Sabe que está sempre em desalinho com as coisas, que as coisas lhe fogem; que quanto mais as persegue, mais elas lhe escapam. Fica o grande espanto: se a poesia não tem compromisso algum com a eficácia, para que escrever versos? É aqui, abrigado nessa pergunta, que Mia Couto se torna poeta.

Algo o leva a encarar não apenas os defeitos do mundo, mas também a verdade contida no erro. “Na escolinha,/ a menina,/ propícia a equívocos, disse:/ — *Masculino de noiva é navio.*// Reprenderam, riscaram, descontaram.// Mas ela estava certa”. Seu destino de poeta o empurra não só para o erro, mas para a mentira. Escrever poesia é encontrar uma beleza no erro e no defeito. As palavras reviram a face nítida do real, nele rasgando veias profundas que o desmentem, mas também o sustentam. Esse paradoxo se encarna no personagem Afrânio, de “Desilusão”, que não encontra a forma perfeita de morrer e por isso opta por vi-